



4ª Catequese: "A IGREJA POVO SACERDOTAL"

Introdução

O Concílio Vaticano II valorizou a dimensão sacerdotal de toda a Igreja como Povo do Senhor. É o fruto do facto de toda a Igreja brotar da Páscoa de Jesus e ser chamada a viver de Cristo e com Cristo, na totalidade do Seu mistério. Um Povo que brota da sua participação em Cristo, morto e ressuscitado, só pode ser um Povo Sacerdotal. (Começar por ler o nº 34 da Lumen Gentium).

A valorização, pelo Concílio, do chamado "sacerdócio comum dos fiéis", convidou a uma redescoberta da relação da Igreja com a sua fonte viva, Cristo ressuscitado, e da relação do "sacerdócio apostólico" com este Povo Sacerdotal. No centro está o desafio a perceber o que é ser cristão, qual é a novidade específica deste Povo do Senhor. Os sacerdotes perceberam que têm de ser cristãos a sério e que o seu sacerdócio ministerial não é um poder pessoal, qual dignidade que distingue, mas um dom do próprio Cristo para que todo o Povo seja santo e se identifique com Cristo. Aqueles que viram nesta doutrina do "sacerdócio comum", uma espécie de diluição democrática do sacerdócio no poder da comunidade, também não perceberam que a Igreja só pode, na fase terrena da sua peregrinação, ser um Povo Sacerdotal porque Cristo, único Sacerdote, a conduz e santifica através do sacerdócio apostólico.

1. Sacerdócio e a Nova Aliança

1.1. Começámos estas Catequeses relacionando o sacerdócio com a Aliança celebrada entre Deus e um povo escolhido. Deus quer construir com a sua fidelidade amorosa, um Povo Santo, um modelo de humanidade que corresponda ao ideal da Criação, quando criou o homem à Sua imagem. A própria existência desse Povo glorifica o Senhor e louva-O com toda a sua existência.

Vimos o texto de **Ex. 19,3-8** que diz ao Povo que, na sua fidelidade à Aliança, será um Povo Sacerdotal. Só um povo santo prestará a Deus o culto puro e espiritual que O glorifica.

1.2. Bem depressa se percebeu que esse era um ideal escatológico, a realizar-se no tempo do Messias prometido, anunciavam os profetas. Entre a manifestação deste desejo de Deus acerca do Seu Povo, e a definitiva realização da assembleia dos bem-aventurados, que prestará o verdadeiro culto a Deus por toda a eternidade, definitivo Povo Sacerdotal, medeia a história da salvação. Aos pecados do Povo e à dureza do seu coração, Deus responde falando-lhe ao coração, envia profetas, institui sacerdotes que sejam mediadores entre Deus e o Seu Povo, também eles, tantas vezes, infiéis ao ideal da Aliança. Os profetas insistem na promessa do Messias, o Justo e o Santo, que inaugurará uma nova Aliança e em que todo o Povo, conduzido por Ele à verdade da Aliança, encabeçará um povo finalmente sacerdotal.

Não admira que, sobretudo depois do exílio da Babilónia, a expectativa messiânica se tenha transformado em esperança escatológica.

1.3. A promessa messiânica realizou-se na encarnação do Filho de Deus em Jesus de Nazaré. O seu Povo não O reconheceu como o Messias prometido e esperado. Por Ele se considerar o Messias, condenaram-n'O à morte. Mas Ele sabe que o Seu sangue derramado é o sangue da "nova e definitiva Aliança" (Lc. 22,20). Ele sabe que na Sua Páscoa, o tempo definitivo (escatológico) foi inaugurado e a Sua ressurreição dos mortos é disso a afirmação clara.

E se assim é, com a nova e definitiva Aliança, um novo Povo escolhido começa e esse será povo sacerdotal. É composto por aqueles que acreditam na ressurreição e querem viver a vida ao ritmo de Cristo ressuscitado, conduzidos pelo Espírito, fazendo do amor-caridade a expressão da sua liberdade.

1.4. Segundo as correntes escatológicas do post-exílio, a glorificação do Messias (no caso de Cristo, a Sua ressurreição e Ascensão aos Céus), correspondia ao fim da história e à inauguração do tempo definitivo. A surpresa cristã foi que, com a glorificação de Cristo inaugurou-se o tempo definitivo, mas não se anulou a história. Neste mundo, como peregrinos da pátria definitiva, os discípulos de Cristo inauguram uma nova maneira de viver, centrada na fé e no amor, e podem oferecer, ainda neste mundo, o sacrifício pascal do Seu Senhor e Pontífice, até que Ele venha, esperando que Ele venha. Por isso eles são já um Povo Sacerdotal, o novo Povo Sacerdotal. O assento é posto na vida cristã, vivida ao ritmo do Espírito, de modo a poder ser oferecida para glória de Deus, no mesmo sacrifício perene de Jesus Cristo que, glorioso no Céu, preside a ele, ao mesmo tempo para a Igreja peregrina e para a assembleia dos bem-aventurados.

1.5. Este é o anúncio de São Pedro na sua primeira Carta:

"Caríssimos: Aproximai-vos do Senhor, que é a pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. E vós mesmos, como pedras vivas, entrai na construção deste templo espiritual, para constituirdes um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo. Por isso se lê na Escritura: «Vou pôr em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa; e quem nela puser a sua confiança não será confundido». Honra, portanto, a vós que acreditais. Para os incrédulos, porém, «a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular», «pedra de tropeço e pedra de escândalo». Tropeçaram por não acreditarem na palavra, pois foram para isso destinados. Vós, porém, sois «geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido por Deus, para anunciar os louvores» d'Aquele que vos chamou das trevas para a sua luz admirável. Vós que outrora não éreis seu povo, agora sois Povo de Deus; vós que outrora não tínheis alcançado misericórdia, agora alcançastes misericórdia." (1Pet. 2,4-10)

O louvor que este novo Povo presta a Deus é o mesmo que Jesus Cristo presta ao Pai, oferecendo-Se continuamente por nós e conosco.

1.6. Só quando, na última vinda de Cristo, a Igreja peregrina e assembleia dos bem-aventurados forem uma só, o Povo de Deus será perfeitamente sacerdotal e Cristo o seu Sumo Sacerdote. A Igreja é a etapa peregrina desse Povo. É chamada a viver de Cristo, na fé e no amor. Para que seja Povo Sacerdotal, nesta fase peregrina, Cristo é Sacerdote através da mediação do "sacerdócio apostólico", que age "in persona Christi". Chamados à fidelidade cristã como todos os outros membros da Igreja, são "sacramentos de Jesus Cristo", forma de Este presidir ao louvor sacerdotal da Igreja.

2. Expressões da Igreja como Povo Sacerdotal

2.1. É a Igreja, como Povo do Senhor, que é sacerdotal. Não se pode dizer que cada cristão seja sacerdote. Exerce a "atitude sacerdotal" como membro do Povo de Deus, em toda a busca da santidade mas, sobretudo, na assembleia litúrgica, verdadeiro anúncio da assembleia dos bem-aventurados. Aliás, celebra o culto em comunhão com eles.

2.2. A Eucaristia é a sua grande expressão. É sempre oferta de Jesus Cristo, no dom da Sua vida. É também oferta da Igreja, Povo Sacerdotal, devido à sua comunhão com Cristo. Toda a vida vivida com Cristo, na busca da santidade, a Igreja pode oferecê-la em união com Cristo que Se oferece. A Igreja e cada cristão pode oferecer-se, sempre de novo. Cristo não se oferece outra vez; é a sua oferta pascal que se tornou perene, isto é, presente em cada tempo da caminhada do Povo da nova Aliança.

2.3. Todos os outros actos litúrgicos, como a celebração de todos os sacramentos, toda a oração pessoal e comunitária é sacrifício de louvor, oferecido pelo Povo Sacerdotal, sob a presidência do único Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, através da mediação sacramental do "sacerdócio apostólico".

3. Temas para o diálogo em grupo:

3.1. A ideia do sacerdócio comum dos fiéis tem consequências na nossa compreensão da vida cristã?

3.2. Não cairemos, por vezes, na confusão de que o "sacerdócio apostólico relativiza o sacerdócio de todo o Povo Sacerdotal? A que será devida essa confusão?

3.3. Temos consciência de que a oferta da nossa vida a Deus pode ser uma Liturgia?

3.4. Outras dúvidas e perguntas.